

Eleição Presidencial O PMDB não acha o voto Brasil

Villas-Bôas Corrêa

A campanha até aqui anda muito sem graça, desenhada como doce de dieta, e grande parte da culpa deve ser debitada na conta da liderança inespereada de Fernando Collor de Mello e sua sensata, embora frustrante tática de refugar debates.



Ora, o grande charme da campanha centralizada no rádio e na televisão é o debate direto entre os candidatos. Lá é verdade que as regras estritas e democráticas da legislação eleitoral impõem o convite a todos, com tempos iguais para a xaropada da apresentação dos famosos programas para os quais ninguém dá a mínima bola ou a divisão em grupos sorteados pelos caprichos da sorte.

Plastificado, o debate já perderia metade do seu encanto. O quente seria o confronto entre os favoritos das pesquisas, um quebra-pau para valer entre Collor, Brizola e Lula — os três primeiros colocados em todas as consultas sobre as tendências de voto das diversas empresas especializadas, cabendo justificativa da exceção para a presença do doutor Ulysses Guimarães, ruim de índice mas bom de biografia e com a retaguarda do principal partidos aos pandarecos.

Espertamente, Collor saiu da reta. Com a folga dos índices de preferência do eleitorado, apesar da queda de 4% da última pesquisa, transformou-se em alvo de todos os adversários. Enquanto puder administrar porcentagem que assegurem a classificação certa para o segundo turno, sonhando com a possibilidade de, com nova arrancada, eleger-se no primeiro turno com maioria absoluta, Collor conservar-se-á na retranscra, poupando-se de desgaste e buscando criar fatos novos com o comparecimento a programas de rádio e TV como astro único, ou inventando outras modas.

Debate sem Collor é desperdício de tempo, fingimento de confronto, a discussão entre personagens importantes mas que compõem o elenco, não representam o papel principal.

A falta de debates para valer, a campanha refluiu para pequenos comi-

cios, reuniões em recintos fechados, muita conversa jogada fora entre lideranças e assessores ou programação regional. Nem parece campanha presidencial depois de 29 anos de jejum, mas andanças de candidatos a prefeito ou vereador, esbofando-se na miudeza das panfletagens, dos apertos de mão, das caminhadas nas ruas para o cumprimento aos vizinhos.

A ansiedade está reprimida. A emoção não se soltou, extravazando para as ruas, para a veemência passional dos debates populares, formando roda nas esquinas, nas bancas de jornal.

O eleitorado identifica candidatos, deixa embalar-se por simpatias, produziu o fenômeno de précampanha, de amplitude nacional, da vertiginosa ascensão de Collor de Mello.

Na maciote. Interessado, atento, ansioso por participar, saudoso dos tempos de paixão desatinada das diretas ou da mobilização das esperanças do cruzado.

“As reviravoltas da campanha desideologizaram a eleição. O eleitor votará no candidato que falar ao seu coração, ao seu estômago, ao seu sentimento de força.”

É possível que os dois meses de rede nacional de propaganda gratuita de rádio e televisão esquentem a campanha até a fervura. Sempre ficará, no fundo da alma, a decepção pelo debate escamoteado.

Sem os dados de comparação dos grandes comícios, sem multidões eunidas no delírio das concentrações gigantescas, a campanha está sendo acompanhada apenas pela frieza dos índices das pesquisas.

E os números têm sido pródigos de lições jamais aprendidas.

As lideranças isoladas nos vazios de Brasília, trocando angústias entre si, não conseguem se despreparar de preconceitos

ultrapassados por todas as evidências. Teima-se em raciocinar dando voltas ao redor de fórmulas bolorentas, que não querem mais dizer nada.

Pois desde o começo não se previu e programou a eleição reduzida a confronto entre o centro-direta e a esquerda com todas as suas nuances? A probabilidade do segundo turno imprimia verossimilhança à receita da inevitável definição da presidência num cara a cara entre um representante do centro e outro da esquerda.

Assim foi montado o quadro das candidaturas. Com o centro retorcendo-se em cólicas, sentindo-se inferiorizado, sem candidato viável. O doutor Ulysses há muito padece a rejeição de setores do seu partido em cacos e acabou candidato na melancolia de convenção articulada para renegá-lo e que não encontrou alternativa senão oficializar o velho líder, de tão brilhante biografia mas sem carisma eleitoral.

As primeiras pesquisas confirmaram o pessimismo centrista, com Brizola pulando na liderança e Lula em segundó, a pequena distância.

A certa altura, o eleitor descobriu Collor e nele identificou o candidato mais próximo da sua renovada ansiedade por mudanças. Mudou em questão de semanas, bandeando-se para o que parece mais novo, diferente e, ainda por cima, esgrimindo contra tudo e todos: do governo Sarney aos marajás, símbolo da corrupção.

Onde ficaram os esquemas que planejaram o confronto ideológico? O povo comeu. Mostrando sua inesgotável criatividade, a capacidade de renovar-se, produzindo surpresas.

As reviravoltas da campanha desideologizaram a eleição. O eleitor votará no candidato que falar ao seu coração, ao seu estômago, ao seu sentimento de força.

E não é que o Waldir Pires, companheiro de chapa do doutor Ulysses, descobriu agora que, com o Mário Covas flertando com o centro, o PMDB é a única legenda à esquerda, herdeira da fortuna do apoio dos progressistas. Com todo respeito, essa é demais. Ulysses à esquerda de Roberto Freire, Brizola, Lula, Covas?

Nem equivoco nem tolice: é mesmo falta de voto.